Éfeso | Arhon Inacio dos Santos

I. Mãos

o menino segura seu Sexo

quente e brilhante como palmeira efésia

ao sol. dilacerado, grita:

há um só corpo e um só

espírito, que somos eu e tu—

humildes e mansos;

e tu junto a mim

e eu junto a ti—

rasga aberto o Peito destroçado

e ouve pulsar dentro ali o roto amargurado

coração; um último deus orgiástico e privado

masturba-se de olhos vendados:

[rasga aberto o estômago desossado

e ouve pulsar ali dentro o Sexo

com o sexo dentro].

vêem-se suas lágrimas

ontem ainda onda quebrando onda

onde antes—muito antes—nada.

pobre Diabo,

deita fora a força que chama de tua,

engole o tempo esperançoso

e ouve o fogo,

que crepita—

fora de Éfeso,

chamam-no.

tornam-se, o deus e Ele

um—e o segundo se alimenta do primeiro

e sorri à meia luz.

mas à areia, quando a quentura ultrapassa

os limites do não dito...,

pobre Diabo,

sua mão se esquece que é sua,

toma forma avessa à fuga

e se perde

de si.

II. Súplica

se se concentra,

ama-me, então. com toda a força

do possível,

deseja-me, Absalão,

sangra-me o sangue espesso

e te banqueteia comigo, para que

meu corpo seja teu: e eu seja todo

teu corpo avesso;

transpassa-me tu os três dardos,

astucioso inexperiente, dono de árduo

corpo—esbranquiçado de vento,

deita-se sob as pedras—sonolento!

fotografo-te, e ainda é amor:

o rio que margeia teu belo cenho

afoga-me as Memórias—

mas não te esqueço;